

NÃO FUME
EM RECINTOS
FECHADOS

Algarve

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

(Preço avulso: 6\$00) N.º 773
Ano XXVII 10/4/1980

Composição e impressão
«GRAFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETARIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
Telef. 6 25 36 LOULÉ

FESTA GRANDE

coroa o ciclo de cerimónias
em honra de Nossa Senhora da Piedade



O ciclo de festejos em honra e louvor a Nossa Senhora da Piedade é repartido em duas fases: a que se convencionou chamar de «Festa Pequena» e que teve início no Domingo de Páscoa, dia 5 de Abril e a «Festa Grande», que decorre nos próximos dias 19 e 20 de Abril.

Por outro lado, a par das cerimónias religiosas e na esteira de antigas tradições, haverá complementarmente manifestações, não destacantes, de carácter profano tão do gosto popular.

O início das festas está marcado para o dia 19 de Abril e será assinalado com a chegada da Banda da Sociedade Filarmónica Progresso e Labor Samouquense (Montijo), a qual percorrerá as ruas da Vila em saudação à população local.

A noite dará um concerto junto ao monumento do Eng. Duarte Pacheco.

As festividades de domingo, 20, terão o seguinte programa:

(continua na pág. 4)

FINALMENTE!

ABERTURA À INFORMAÇÃO NA CÂMARA DE LOULÉ

É mais ou menos do conhecimento geral que as decisões tomadas pela Câmara quanto à solução de problemas que interessam a todos os municípios não podem ser «segredo dos Deu-

ses». E a provar este facto está a circunstância de a lei prever que o público tenha acesso às reuniões da Câmara e até acesso àquilo que fica nas actas e que deve ser a cópia fiel dos acontecimentos registados nas reuniões.

É evidente que há problemas cuja divulgação não tem qualquer interesse, porque são de rotina. Serão problemas a resolver com entidades oficiais e que portanto não têm que transpirar para a rua.

Mas há muitos outros problemas que têm muito interesse, pois toda a gente gosta de saber que sua rua vai ser arranjada, que a estrada tal vai ser construída, que a escola tal não está esquecida e que a água vai chegar até onde faz falta.

Todas estas notícias, que são rotina nas Câmaras, praticamente nunca as divulgamos porque «na Câmara não havia vaga para tratar desses assuntos e porque nós não podíamos dispor de tempo para ir lá amuidamente e ficar sabendo que

(continua na pág. 2)

A Serra do Algarve continua depenada e abandonada!



percorre as nossas veias como um «hino de alegria».

E, no entanto, para nós, algarvios, tanta beleza primaveril tem uma dolorosa mancha a ofuscá-la: o abandono de tantas décadas a que a serra algarvia continua votada!

Soluções técnicas para o problema da falta de arborização

(continua na pág. 2)

No dia 20 de Março, às 11 horas, chegou a Primavera, colorindo os campos de flores, pintando as planícies de rebentos verdes, trazendo o chilrear das andorinhas, cobrindo de novo as copas das árvores ressequidas pela longa invernia...

Cada primavera que nasce insufla ao homem a sensação de que tudo val começo de novo: o ar é mais limpo e puro e a frescura das cores do céu, dos campos e das serras e do mar, é um canto à Natureza que

CARTAS AO DIRECTOR

ALARME EM QUARTEIRA!

A título de curiosidade, passei há dias pelo já famoso «Bairro da Lata» em Quarteira e tive a satisfação de verificar

que a Câmara de Loulé cumpriu o que prometera: mandou colocar, em cada uma das extremidades do bairro, 2 grandes «placards» avisando todos os habitantes de que já não seriam permitidas mais construções clandestinas naquela já tão degradada zona e que qualquer tentativa de nova construção ficaria sujeita à total destruição. É verdade que este trabalho foi feito e será desejável que as pessoas tenham o bom senso de respeitar o aviso, pois, assim evitarão conflitos e situações muito desagradáveis.

Até aqui está, portanto, tudo muito certinho. Só que eu não

(continua na pág. 2)

A Quarteira abre horizontes á implantação de «Lions Internacional» no Algarve

(VER PÁGINA 7)

O Governo governa e impõe a legalidade na zona da «Reforma Agrária»

que se assistiu daí, ao novo alento das forças esquerdistas contestárias à aplicação da «Lei da Reforma Agrária».

Quanto às acusações de corrupção feitas ao M. A. P. pelos partidos da Oposição, o antigo primeiro ministro clas-

(continua na pág. 4)

Doutora Lídia Pires

Albuquerque

Fez há dias provas do seu doutoramento em Química e Física, tendo ficado aprovada com louvor e distinção, a nossa conterrânea sr.ª Doutora D. Lídia Miguel Pires Chumbinho Albuquerque, filha do nosso prezado amigo e assinante sr. José Guerreiro Chumbinho e da sr.ª D. Lídia Mestre Pires Chumbinho e esposa do sr. Pedro Manuel Lavra Martins Albuquerque, residente em Lisboa.

A nôvel doutorada endereçamos os nossos parabens e formulamos votos pela continuação da sua já brilhante carreira profissional.

De volta ao tufão presidencial

Nunca a partidocracia foi uma política lúdica. Eleições presidenciais antecipadas? Os factos políticos apontam para uma nova crise sem conclusões definitivas.

O PS, defensor da tecnocracia socializante, cheio de contradições e hesitações, procura criar uma barreira ao Governo AD e apostar, nas presidenciais, ou no General Eanes ou em Nobre da Costa, figuras conhecidas a nível nacional, mas cuidadosos demais para avançarem com a ideia de uma Frente Eleitoral da Esquerda. São esquerdistas de surdina, mais defensores do situacionismo político do que propriamente políticos de confrontação, numa altura em que a AD é ainda uma força maioritária. Daí que Vasco

da Gama Fernandes ou Maria de Lourdes Pintasilgo encarneem mais facilmente o espírito so-

(continua na pág. 2)

Conservatório Regional do Algarve em viagem de intercâmbio

Uma autêntica embaixada algarvia, composta pelo Coro, alunos de ginástica rítmica, ballet, piano e canto, deslocou-se há dias a Aveiro em visita de intercâmbio cultural e portanto dedicada ao Conservatório Regional daquela importante cidade.

Que veio Cunhal fazer ao Alentejo?

(VER PÁGINA 8)

ABERTURA À INFORMAÇÃO NA CÂMARA DE LOULÉ

(continuação da pág. 1)

não havia nada de especial a registar.

Mas fomos sempre insistindo e estranhando. Até que, recentemente, foi encontrada uma solução mais ou menos ideal: o fornecimento de fotocópias das actas camarárias para busca dos assuntos de interesse jornalista. Concordámos. O material foi-nos fornecido. Entregaram-nos 56 folhas correspondentes às actas respectivas, desde que a nova Câmara tomou posse, ou seja 4 de Janeiro do corrente ano. Afinal tudo tão simples e tão pouco trabalhoso para os serviços camarários.

Como se calcula o material é, portanto, abundante e por isso não podemos divulgar tudo de uma só vez. Começamos hoje e pensamos que assim poremos os munícipes a par daquilo que se vai passando na nossa Câmara, pois entendemos que todos nos devemos interessar pelos problemas que nos dizem respeito. É assim a democracia. É essa a liberdade que não tínhamos. Foi essa uma das grandes conquistas do 25 de Abril. É uma simpática abertura à informação. Uma abertura ao diálogo. Talvez as pessoas depois perguntam a si mesmas porque razão se autorizou a construção da casa tal em tal sítio e «eu não fui autorizado a construir a minha». Talvez os emigrantes de Alte gostem de ficar sabendo que em Santa Margarida vai ser construído mais um prédio de 1.º andar. Que a sua terra está progredindo. Que a construção de mais casas foi autorizada. Que a Câmara encara a possibilidade de dar satisfação às aspirações dos habitantes de Alte, de Salir ou Ameixial, etc., que trabalha para melhorar as condições de vida das populações rurais. Que não se esquece dos problemas da Vila. Que está em constante actividade mas não pode atender a tudo ao mesmo tempo. Que é preciso pensar, estudar, encontrar soluções coerentes e viáveis. Que é preciso, enfim, trabalhar com inteligência e ponderação, para que se evitem cometere mais erros flagrantes, mais injustiças clamorosas.

Assim, entre muitas outras coisas, pela leitura das cópias das actas, ficámos sabendo que, nos primeiros dias de Janeiro foi feita uma rápida visita a todas as escolas do concelho, tomado-se conhecimento das carências mais urgentes, tendo sido pedido novo orçamento respeitante aos arranjos a efectuar nas escolas do Malhão e da sede da freguesia de Alte. Também foram tomadas medidas urgentes para se proceder à imediata reparação da escola da sede da freguesia de Salir.

Pela leitura das referidas actas, tomámos conhecimento do ofício do sr. Director Escolar de Faro dirigido à Câmara de Loulé.

Vivenda e Armazém

Vende-se ou aluga-se Vivenda e Armazém, na Av. do Cemitério — Loulé.

O armazém tem área superior a 200 m².

Tratar no próprio local.

(4-4)

VENDEDOR

Precisa, armazém de mercadorias.

Nesta redacção se informa.

(3-3)

lê, no qual se estranha que esta edilidade «descrasse por completo, o problema das Escolas deste concelho, nomeadamente a possibilidade de construção de quatro novos edifícios escolares: Clareanes, Parragil, Benfarras e São João da Venda, cujos projectos estavam feitos e orçamentados pela Direcção Geral do Ensino Primário, sendo apenas necessário que a Câmara dispusesse do terreno para a construção das ditas escolas.

Embora, provavelmente, já não seja possível que a construção desses edifícios se faça sem ser a expensas da Autarquia (por já estar em vigor a lei das finanças locais) foram iniciadas as demarques necessárias à negociação dos terrenos, entre a Câmara e os proprietários, nomeadamente em relação à Escola de Clareanes, tendo sido pedida a colaboração do presidente da junta de freguesia de São Clemente que se deslocou ao local e lá estudou, com vários proprietários, várias hipóteses de compra de terrenos para a escola, e das Benfarras, tendo sido também pedida a colaboração do presidente da Junta de Boliqueime, que imediatamente se prontificou a servir de intermediário entre o proprietário e a Câmara.

Em relação à Escola do Parragil foram também encetados os contactos com o dono do terreno, contactos esses, ao que se verificou, que já tinham começado com a outra Câmara, tendo sido prometido pelo dono, que ofereceria o terreno a troco da aprovação de um loteamento no Parragil.

No que respeita à Escola de São João da Venda, tendo-se o Vereador Dr. Bota deslocado ao local, pôde lá estudar o problema com alguns moradores e foram verificadas quais as hipóteses de terreno mais viáveis para a construção da Escola.

Chegou-se à conclusão que o melhor local seria na propriedade do Dr. Olímpio, pelo que o Senhor Presidente da Câmara se prontificou a falar com o filho, dado que o conhece pessoalmente.

Podemos ainda acrescentar que foram vários os ofícios dinamados da Direcção Escolar de Faro a estranhar o silêncio da Câmara de Loulé acerca da solução deste problema das 4 escolas que era urgente construir no concelho de Loulé. Num dos ofícios até se alertava a Câmara para o facto de faltarem apenas 6 meses para terminar o prazo em que a construção dos edifícios escolares para a instrução primária ainda seria da responsabilidade do Estado. «A partir de Janeiro a Câmara será responsável pela construção das 4 escolas com as quais não se tem preocupado até agora».

Inferior a este e outros avisos ficou a Câmara de Loulé que também não se «comoveu» perante os vários ofícios vindos da Direcção Geral de Construções Escolares em que se estranhava que a Câmara nem ao menos se dignasse responder aos ofícios, dizendo que não queira as escolas, para o que o assunto deixasse de estar pendente.

Em palavras precisas e termos concretos, tudo isto significa que, face a atitudes de pessoas que tomavam arbitrariamente decisões pelo telefone, a Câmara de Loulé terá de dispender milhares de contos (que não tem) com a construção de 4 escolas que o Estado se propunha construir e para as quais a Câmara nem sequer se preocupou em arranjar terreno, como era sua obrigação.

De tudo isto se conclui que a gestão socialista da Câmara de Loulé prejudicou (propósito?) o nosso concelho em largos milhares de contos ao recusar que o Estado construis-

se as escolas que compete agora à Câmara construir.

Há quem diga que a Câmara não era «apenas» socialista e há quem responda: «deixa-lhos fazer asneiras. Quantos mais erros cometem pior é para eles». E foi. Viu-se o resultado das eleições.

...Entretanto há por aí quem acha muito estranho que a Câmara tivesse manifestado tanto interesse em «expropriar» um certo terreno para a construção das escolas do Ciclo Preparatório, dado que a esse nível de ensino compete ao Estado comprar o terreno e fazer todos os demarques para a construção.

E tanto mais estranho que esse terreno a expropriar para a escola foi comprado (inesperado e inexplicavelmente) por uma entidade particular, ficando o Estado privado do terreno que já estava sob palavra para a construção da referida escola.

O problema tomou agora novos aspectos porque a construção da escola implica a expropriação de terrenos anexos e por mais dinheiro e com mais dificuldades e até sem as facilidades de uma oferta que já estava apalavrada se não tivesse havido uma estranha reviravolta do problema.

(Continuaremos).

De volta ao tufão presidencial

(continuação da pág. 1) cialista do Mitterrand português. Na rua da Emenda, o PS perdeu a noção de uma política eleitoralista ao proceder a um certo reajustamento com a UEDS e ASDI, lançando as bases para uma Aliança de Esquerda. Mas os Reformadores, Eanistas, distanciados já do PSD poderiam ainda apoiar um outro candidato do PS, quem sabe se a figura imprecisa de um Henrique de Barros histórico. Contudo, Sá Carneiro, político hábil, está atento ao desenrolar da situação e tem crédito político na AD para ser o futuro presidente deste País.

A comprová-lo estão as insistências de Carlos Macedo e Júlio Castro Caldas, ex-eanista, na candidatura de um civil e na antecipação das eleições presidenciais. Mas o CDS, justifica a necessidade de um candidato militar para que não exista, a breve trecho, uma ruptura entre as relações de equilíbrio militar-civil.

Tudo leva a crer que os centristas poderiam apoiar um Soares Carneiro ou um Lemos Ferreira, considerados nos meios militares como integrados num conservadorismo favorável à disciplina e à autoridade que o País precisa. No entanto, ainda no domínio da AD, apresentam-se outros movimentos a ressuscitar as candidaturas de Pires Veloso, com forte implantação no Porto, e de Galvão de Melo, igualmente situado numa área política afeta ao conservadorismo do Norte.

Sucede, porém, que Lucas Pires, o político de maior dimensão no seio da AD, não fala em candidatos mas na revista constitucional para o desenvolvimento democrático. Para ele, a estabilização não depende muito de uma mudança de Presidente mas sim de uma mudança de regime e de uma nova Constituição.

Fora das presidenciais estão o Prof. Adriano Moreira e o General Silvino Silvério Marques, a quem a AD não apoia não por discordância política mas, sobretudo, por um complexo de esquerda ainda predominante. Quanto ao PCP, ele aponta no

Alarme em Quarteira!

(continuação da pág. 1) achei bem reparar, minutos depois, que aí se continua a trabalhar no sentido de fazer «progressos» um bairro que já não tem razão de existir. E digo isto porque poude constatar que, embora não haja novas construções, a verdade é que continua a fazer-se trabalhos dispendiosos com importantes melhoramentos que já não deviam consentir-se. Casas de madeira estão sendo substituídas por outras de tijolo e outras obras prosseguem em bom ritmo. E o mais incrível é o facto de eu saber de pessoas que têm onde morar e no entanto estão a aumentar a casa que já tinham naquele bairro. Será que o fazem na expectativa de receber depois uma «boa» indemnização?

E o que dizer dum sr. dr. Veterinário que está construindo uma simples casa, mas uma autêntica vivenda que não poderá custar-lhe menos de MIL CONTOS?

Depois de concluída e habitada, será fácil a sua demolição? Tenho a certeza que não será fácil e por isso me parece que era AGORA o momento oportuno de TRAVAR a construção da referida vivenda.

Fechando os olhos a mais construções clandestinas, não estará a Câmara a estimular a novas construções deste tipo? Acho que sim.

Ou será que as pessoas consuem agora, e rapidamente, pensando já em exigências e mais exigências ou avultadas indemnizações quando forem convividas a abandonar as «suas casas»?

Algo está apodrecendo no «reino da Dinamarca».

O alarme está feito. É tempo de agir com discrição e coragem... antes que os novos «habitantes» da lata possam dizer: «já tendo um teto, só saio daqui se me oferecerem outro».

O perigo está latente. É preciso estar alerta.

Não podemos continuar a ser o «País da Bandalheira».

Um Quarteirense

A SERRA DO ALGARVE continua depenada e abandonada!

(continuação da pág. 1) da serra algarvia encontram-se no pó dos arquivos — desde «A Valorização da Serra Algarvia» do Prof. Gomes Guerreiro (secretário de Estado do Ambiente num Governo de Mário Soares) até aos projectos em que colaborou o Eng.º Leal de Oliveira (antigo deputado no regime anterior) visando a transformação do Algarve num imenso pomar de citrinos.

Israel, o território agreste onde a Natureza parecia condenada a gerar pedras e nada mais do que pedras, é hoje o maior produtor mundial de laranjas, que saem dali, em rendosa exportação, para a própria Europa.

Podem os especialistas considerar que já existe no mundo uma superprodução de citrinos (laranjas, tangerinas, lângeras, limões... clementinas...) e, nesse caso, a ideia é de não seguir.

De acordo. Mas então a serra algarvia, cuja flora é riquíssima onde se tem com ela um mínimo de cuidados, não pode ser aproveitada para eucaliptos que tanta falta fazem à indústria de papel? E quem fala de eucaliptos...

Existem no Algarve Centros da Reforma Agrária tarbalhando em quê?

Uma verdadeira Reforma Agrária no Algarve, exige que se aproveite a serra algarvia para além da sua riqueza paisagística como território quase virgem, em certas zonas, como o Barranco Velho ou o Azinhal, onde, na fronteira com a Espanha, o Alentejo se separa do Algarve.

Espera-se que no Congresso Nacional do Algarve, a realizar já em Abril, surjam projectos concretos para que se passe das palavras à ação... Faltam apenas vinte anos para se chegar ao ano 2000 da era de Cristo... É inconcebível que a serra algarvia, no quadro da Nova Europa, possa continuar a ser um território onde raras vazes a mão do homem pôs o pé...

O-DOS-COPOS

Uma oportunidade

EXCURSÃO FEIRA DE SEVILHA

4 DIAS: 23 A 27 DE ABRIL

Transporte, Hotel e p/ almoço: 5700\$00

ACEITAM-SE INSCRIÇÕES — A. T. I. S.

Av. Infante de Sagres, 145 — QUARTEIRA

ECONOMIA POLÍTICA

A Empresa por dentro — A contabilidade

Existem pequenas Empresas às quais se pode tolerar e admitir atrasos na sua respectiva «Contabilização»; mas a maior parte e particularmente aquelas que pelo seu especial objecto de comércio ou indústria, — a estas em condição nenhuma. O atraso na contabilização duma Empresa Pública ou Particular denota:

Negligência da Direcção — incompetência e irregularidades. O primeiro caso é devido a que não se dá a devida importância, nem se considera o valor que realmente a Contabilização tem, para a Vida e situação duma Empresa; alguns gestores encaram a Contabilidade, — melhor dito, a «Contabilização», porque a «Contabilidade» é a ciência das contas e a «Contabilização» — é o processo, é o sistema ou a arte de registar essas contas; assim, vamos repetir, alguns Directores encaram-na apenas, como uma função burocrática e simplesmente como um requisito a cumprir.

Logo, se trata duma grave equivocação — pois a Contabilização Mercantil, devidamente arrumada e em dia — é um grande instrumento e um valioso auxílio, para a boa gestão duma Empresa, — porque da mesma se podem extraír prontamente elementos e termos de comparação, para uma boa orientação, para a prática de novos negócios.

Nas Empresas onde não existe um plano Contabilístico, isto é, um regular preceito e particularmente, onde não há a divisão de trabalho, pois por vezes se dá conta de os escriturários estarem a desempenhar funções em outros serviços — mais próprias de um chefe de Administração do que as suas próprias, e este abandono, uma vez e outra, da sua missão, para atender a outros serviços co-

A Voz de Loulé, n.º 773, 10-4-80

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ

ANÚNCIO

(2.ª publicação)

Por este Tribunal, 2.º Secção, na execução ordinária n.º 23/75, movida por José Augusto Pinto contra José Augusto Coelho e Pinto e mulher Mariana Adelaide Messias Costa Coelho e Pinto, correm éditos de 30 dias, a contar da 2.ª publicação deste anúncio, notificando o condómino FRANCISCO HERRERA AMIGO, solteiro, maior, comerciante, brasileiro, ausente em parte incerta do Brasil, cuja última morada conhecida foi na rua Basílio Teles, 3-A, Portimão, por despacho de 19 de Janeiro último que ordenou a penhora no direito a 1/2 que os executados possuem no prédio rústico sito no Vale da Areia, Ferragudo, Portimão, inscrito na matriz sob o art.º 860, direito que fica à ordem do Tribunal, podendo notificando, no prazo de 5 dias, que começa a correr depois de findo o dos éditos, fazer as declarações que entenda quanto ao mesmo direito e ao modo de tornar efectivo.

Loulé, 28 de Março de 1980.

O Juiz de Direito,
Mário Meira Torres Veiga

O Escrivão de Direito,
João-Maria Martins da Silva

mo já referido — acabam por conduzir a um atraso na Contabilização da Empresa.

Quando se procura remediar esta situação e pôr a escrituração em dia, o volume de documentos, pendentes de registrar, é tal, que para poder normalizar a situação, recorrem a efectuar assentos globais — o que é, jurídica e tecnicamente irregular por desvirtuar a sua originalidade.

No que concerne, à incompetência antes referida, — o remédio está nas Escolas Técnicas — pois precisamos de muitas e boas; todo o país que esteja industrializado e que tenha de exportar os seus produtos manufacturados, terá que criar boas Escolas Técnicas, para que possa contar com uma boa e eficiente Tecnologia Comercial e Industrial, para a prática dos vários Actos e Factos Gestivos que da mesma derivam e que concorre favoravelmente como o melhor sucesso em relação a outros nossos competidores.

Relativamente aos atrasos da contabilização duma Empresa, — para obstar a este grave in-

conveniente, — é necessário a adopção de um preceito que importa cumprir em períodos regulares, digamos, pela apresentação de balancetes do Razão e do C/C. mensalmente. Ainda em matéria de «Contabilização», aproveitamos para referir que é muito frequente ver-se nas alturas próprias, através de jornais, a publicação de Balanços Gerais, Contas de Exercício e Relatório das sociedades sujeitas a esta publicação, como por exemplo, as Anónimas e as por Quotas de RL., — mas, ficamos sempre na mesma, sem saber o que dizer, i. e., sem poder formular uma opinião, em matéria da sua exactidão — porque falta, exactamente, a peça principal — que é o Balancete Contabilístico do Razão, respeitante ao exercício em questão, — pois é o ponto de partida, — é a comprovação do BALANÇO GERAL, — digamos, é a prova real do mesmo. Para terminar, digamos, que em todos os casos, se recomenda a toda a Empresa que sob nenhum pretexto se admite atrasos manifestos na Contabilização.

ACONTECEU NO AMEIXIAL QUANDO OS JOVENS QUEREM... OS PROBLEMAS RESOLVEM-SE

Depois dum fatigante ano de trabalho, um casal de meia idade dirige-se cheio de contentamento para a aldeia do Ameixial — na Serra do Caldeirão.

Todo o caminho é percorrido sonhando com a beleza dos campos, o serpenteante da ribeira do Vascão e a tranquilidade que se respira na casinha modestíssima onde serão passados os melhores dias de férias...

Mas, ao chegar à aldeia, sempre querendo adivinhar qual o rosto amigo que primeiro avisariam, o carro é rodeado pelos mais pequenos amigos do casal.

Falando todos ao mesmo tempo, diziam que a porta da casinha estava tapada de pedras, a rua não existia e era muito difícil entrar em casa. De repente as núnvens escureceram o dia que se anunciava tão alegr...

Mas a desesperança foi rapidamente transformada pelo vozeirão de todos que diziam: «Nós ajudámos os primos, a madrinha a entrarem em casa» e o que parecia impossível, aconteceu porque 8 meninos — o Díni, a Paula, a Irene, a Luisa, a Isabel, o Guerreirinho, o Eduardo e o José Luís — dos 4 aos 15 anos, transformados em rápidas formigas e trabalhando com tudo o que lhes chegava à

Pesqueiro fugido de Angola

O atuneiro de oitenta toneladas «Cruzeiro do Atlântico», que saiu a 5 de Dezembro de Cabinha, encontra-se em Olhão.

Contactados pela ANOP os tripulantes — três portugueses e dois angolanos — foram bastante sórios em declarações.

Apenas afirmaram que «não faziam cinco mil milhas por desporto», embora acrescentassem que não tinham sido mal tratados em Angola.

Os três portugueses são Custódio Salvador Soares, proprietário, Custódio Graça Soares e José Lúcio Leal da Silva. Os dois angolanos são Pedro Chippenda e António Manuel Kumbombo.

O «Cruzeiro do Atlântico» escaleu Dakar antes de se dirigir à costa algarvia.

Prays citri (Traça).

Aconselhamos os Senhores agricultores que devem ter especial atenção aos ataques desta praga, principalmente nos limoeiros, quando estes estão em floração e com frutos de reduzido tamanho, comprometendo, em certos anos, a sua quase total produção.

São recomendados os tratamentos com Fosfamidão como substância activa, antes e depois da floração (pré e post-floração).

CITRINOS

Prays citri (Traça).

Aconselhamos os Senhores agricultores que devem ter especial atenção aos ataques desta praga, principalmente nos limoeiros, quando estes estão em floração e com frutos de reduzido tamanho, comprometendo, em certos anos, a sua quase total produção.

São recomendados os tratamentos com Fosfamidão como substância activa, antes e depois da floração (pré e post-floração).

PESSEGUEIROS E DAMASQUEIROS

1 — Lepra, Crivado e Monilose.

Recomendamos logo após a queda das pétalas um tratamento com fungicida orgânico, com base em qualquer das substâncias activas: Captana, Tirame e Zirame.

2 — Ódio

Aplicar de imediato uma das seguintes substâncias activas: Dinocape, Enxofre e Quinone.

3 — Monilose

Nos pomares onde sejam assinalados habitualmente focos desta doença e como medida de precaução, aconselhamos fazer um tratamento logo após a queda das pétalas com uma das substâncias activas: Benomil, Mancozebe, Manebe e Zinebe.

VINHA

1 — Ódio

Nesta época e fora das horas de maior calor deve usar Enxofre em pó. Este pesticida tem também ação acaricida.

Podem ainda ser usadas as substâncias activas, Triadimefão e Dinocape, contra os ataques desta doença.

2 — Pulgão

Esta praga pode ser combatida com as seguintes substâncias activas: Lindano, Malatião, Azinfos-étilo-Lindano, Fosfamidão, Paratião, Carbaril e Azinfos-étilo.

3 — Botrytis cinerea (Podridão dos cachos).

Verificou-se um ataque intenso desta doença em certas vinhas da Região, provocando fortes necroses em folhas jovens.

São recomendadas como tra-

tamentos as seguintes substâncias activas: Benomil, Diclofluanida, Iprodiona e Vinclozolina.

Estas substâncias são conhecidas no comércio por Benlate, Euparene, Rovral e Ronilan.

Para qualquer informação mais detalhada, dirija-se ao SERVIÇO DE AVISOS DO ALGARVE, Rua do Município, n.º 13-r/c — Faro, Telef. 22284.

O Responsável do Serviço de Avisos do Algarve

Joaquim P. M. Horta Correia
(Eng.-Agrônomo)

SEMINÁRIO DE FORMAÇÃO FAMILIAR

Promovido pela Confederação Nacional das Acções de Família (CNAF), realizou-se em Olhão nos dias 29 e 30 de Março, um seminário sobre política familiar.

Nele foram tratados temas da maior importância para o equilíbrio da célula familiar e sobre o Associativismo de Raiz Familiar, bem como a análise dos fundamentos sociais e morais da Família.

Os temas foram desenvolvidos pela Dr.ª D. Maria Alexandrina de Matos e pelo Dr. Teófilo Augusto Gonçalves.

Do seminário resultou a criação da «Associação Familiar como Parceiro Social» (AFAPS) em Olhão, a primeira a ser fundada no Algarve, que passa a ser gerida pelos seguintes associados:

Presidente, António Jacinto Ferreira; Vice-Presidentes: Dr. José Baltazar e D. Francisco Santos Costa H. Correia; Secretário: José de Sousa Graça; Tesoureiro: José Pedro Cândido da Silva. Vogais: Eng. Joaquim Patrício Horta Correia, D. Maria Celina Botelho Graça, D. Maria Laurette Mascarenhas, D. Maria João Faustino Ferreira e D. Maria do Carmo Pastagal da Silva.

A numerosa assistência assistiu com o maior interesse a todas as sessões deste seminário.

CANTINHO DO LEITOR

SONHEI

É triste acordar dum sonho que foi belo,
Onde houve só paz e nenhum duelo,
Onde tanta meiguice e carinhos recebi,
Onde os teus olhos eram espelhos,
E eu via dentro de ti.

Nele eu sentia o desejo sedento de amar,
De muito receber para muito dar,
De profundamente sentir sem tocar,
Sim! Eu estava a sonhar.

A noite acabou e o dia chegou,
Mas um sonho ficou.

E com ele a vontade louca de gritar
De que nunca é tarde para amar,
De me sentir gaivota e poder voar.

PAULA



«Depo jando o Mundo ocidental da posse dos países coloniais, reduziremos os lucros do capitalismo, diminuindo o nível de vida das massas trabalhadoras e criando assim a situação necessária para os movimentos revolucionários...» — (Stáline, em 1948).

«Em parte alguma as classes trabalhadoras podem triunfar sem primeiramente se verem reduzidas ao desespero e ao sofrimento. É necessário fomentar crises em todas as classes para que os trabalhadores sofram e, assim, se revoltarem» — (Lénine).

«Mesmo que escandalize os socialistas, direi que a primeira obrigação dos comunistas é a de defender a Rússia». (M. Carrich, «Humanité», 25-5-1936).

«A França é a nossa terra, mas a Rússia é a nossa Pátria». (1940, Juventude Comunista Francesa).

Falando dos europeus: «Serão vencidos, porque têm escrúpulos». (Lénine).

Para os que têm ouvidos e não ouvem Para os que têm olhos e não vêem

XIV

É de salientar a forma lapidar como o Dr. José D'Alpoim coloca o valor do seu colega, ainda que adversário, das lides parlamentares, como homem inteligente, parlamentar de talento, espírito vibrante e subtil, algarvio amantíssimo da sua província, chefe de família exemplar, homem estoicamente sofredor; pelo que tudo o que além de tais qualidades tão altamente reconhecidas, fôr afirmado descendendo à incompreensão de que foi alvo, à mesquinhice dos zoilos feridos na sua inveja e à pobre vaidade dos que tudo se julgavam e nada eram, pouco mais adianta e o enobrece.

E para terminar algumas passagens ilucidativas quanto à personalidade, integra, de Marçal Pacheco, escritas pelo redactor do jornal do tempo «O Algarvio» sr. José Bernardo de Aragão Teixeira:

Disse ele:

Vão já decorridos trinta dias que na Fonte da Esperança se apagou o fulgorantíssimo espírito de Marçal Pacheco, e ainda se nos afigura um sonho a triste realidade!

A estima, respeito e admiração que, em grau tão subido, nos impunham o carácter austero e o talento peregrino do homem mais notável da nossa província e do nosso tempo, colocando a sua organização privilegiada numa esfera superior, luminosa, quase nos não deixam acreditar que ela estivesse sujeita às leis da natureza.

E na verdade, nada mais emocionante e doloroso do que ver adelgaçar-se gradualmente e ir-se a pouco e pouco extinguindo o fio de uma vida tão cara e a luz duma inteligência tão assombrosa!

Do notável parlamentar, que, nas duas câmaras, tão brilhante rasto deixou da sua passagem e do primoroso polemista que na imprensa tão assinalados triunfos alcançou apenas resta hoje um nome ilustre e imaculado e uma lembrança saudosíssima.

Infeliz e querido amigo.

E depois:

A instâncias de amigos velhos e dedicados, que lhe reconheceram o valor e lhe profetizaram um futuro brilhante, o novel e inteligentíssimo advogado encetou a carreira política, filiando-se no partido regenerador.

Pouco depois foi eleito deputado e, no parlamento tais e tão evidentes provas deu das suas excepcionais aptidões e da punjânia das invejáveis faculdades intelectuais, que o seu nome se tornou logo conhecido e respeitado em todo o País, e vários círculos eleitorais se disputaram a honra de o reeleger!

Da sua terra, porém, — como é triste confessar-se isto — só passados alguns anos conseguiu ser representante em Cortes.

Por largo espaço de tempo, e movidos pela vaidade e pela inveja, guerrearam-no ferozmente os grandes e os felizes GRANDES... porque encontraram nas arcas dos pais uns miseráveis

cobres; felizes porque não pensam nem sentem!

Haviam visto nascê-lo humilde e pobre — sem pergaminhos e sem um palmo de terra — e não podiam por isso que ele se levantasse e subisse na escala social!

Onde eles — senhores de vastas propriedades e de adorados tesouros — não podiam chegar, muito menos, no seu acanhado critério, podia ascender um filhinho dum modesto artista.

Como se a inteligência fosse predicado dos ricos e dos poderosos, e como se a sociedade só se compusesse de cretinos e de maus!

Continuando, disse ainda:

E num curto lapso de tempo, auxiliado principalmente pela sua clara razão e pelo seu prodigioso engenho, o nosso ilustre conterrâneo ocupou um dos mais elevados lugares da burocracia, e recebeu dos poderes públicos as maiores distinções.

Era, além disso, gran-cruz e possuía diversas condecorações nacionais e estrangeiras. Mas o certo é que — seja dito em honra da sua veneranda memória — Marçal Pacheco cuidou muito dos outros e muito pouco de si.

Se fosse ambicioso ou o espírito casasse a vaidade, o brilhantismo, o prestigioso parlamentar — cuja actividade e cujo talento uma doença cruel e perturbadora não deixou desenvolver e manifestar-se em toda a sua plenitude — teria incontestavelmente conquistado maior representação social e mais subidas honorárias.

Podia mas não quis.

Modesto e desprencioso, preferia ser útil aos seus amigos

e à sua terra, que tantos cuidados lhe mereceram e tão inolvidáveis finezas lhe devem. Grande espírito! Nobre alma.

Se como homem público, o Dr. Marçal Pacheco era, no seu país uma figura proeminente, um vulto aureolado e glorioso, como simples cidadão, na sua vida particular e íntima, era um modelo vivo e perfeito das mais respeitáveis qualidades, das mais santas virtudes.

Como marido, como pai, como irmão e como parente, ninguém o excede em requintes de afecto e em extremos de amor, que não trepidavam nem recuavam ante o sacrifício.

A sua amada terra, a família, os amigos e os pobres eram o objectivo de todos os seus pensamentos — a sua principal e quase única preocupação.

E calemo-nos. Que repouse, que durma numa mansão dos justos quem tão justo foi e tanto sofreu!

E este homem, este louletano que tanto honrou a sua terra e a sua província, este algarvio indefectivel, este português de tempera, este orador fluente que muito elevou a sua província, este amigo do seu amigo tanto quanto podia sé-lo, jaz hoje lamentavelmente esquecido num abandono catacumba do cemitério da sua terra, onde ninguém — nem mesmo os ilustres edis camarários que se sucederam — vêm colocando, como preito de homenagem a um louletano ilustre, uma simples e humilde flor.

É triste! É lamentavelmente verdade! O que é pena.

M. J. VAZ
(Continuação)

Festa Grande coroa o ciclo de cerimónias em honra de Nossa Senhora da Piedade

(continuação da pág. 1)

9 horas — Alvorada de Morteiros.

10 horas — Volta à Vila pela Banda de Samouco (Montijo).

11 horas — Procissão com a imagem de Nossa Senhora da Piedade que sairá da Igreja de S. Francisco para junto do Monumento a Duarte Pacheco, acompanhada da Banda Filarmónica de Samouco. Aí permanecerá à veneração dos fiéis até à hora da Missa.

16 horas — Celebração da Missa Campal presidida por Sua Ex. Rev.º o Senhor Bispo do Algarve, com Sermão ao Evangelho.

17 horas — Saída da Procissão, que percorrerá as artérias habituais da Vila, com paragem no Largo S. Francisco, frente à Igreja. Regresso à Ermida.

22 horas — Concerto pela Banda Filarmónica Samouquense (1.ª parte).

22.45 h. — Exibição do Rancho Folclórico Infantil de Loulé, com o seu novo conjunto de acordeons, em estreia.

23.15 h. — 2.º Parte do Concerto pela mesma Banda.

24 horas — Fogo de Artifício.

As festas são organizadas pela Câmara de Loulé e Paróquia de S. Sebastião e têm o patrocínio da Comissão Regional de Turismo do Algarve.

PRECISA-SE

Mecânico para motores a Diesel.

Tratar pelo Telefone 62482 — LOULÉ.

(2-2)

AMENDOEIRA

Vende-se propriedade composta de casa e terreno todo murado com 3 300 m² e courela de terra de semear com árvores, com 7 620 m², ambas situadas no sítio da Amendoeira.

Informa-se na firma LUATO ACESSÓRIOS, na Av. José Costa Mealha, 37 — LOULÉ.

(2-2)

CLÍNICA OFTALMOLÓGICA E PEDIÁTRICA

MÉDICOS ESPECIALISTAS:

DR. PALMA NUNES
Doenças dos Olhos

DR. PAULINA SANTOS
Doenças das Crianças

Marcações pelo Telefone 28704
FARO

(8-2)

O GOVERNO GOVERNA e impõe a legalidade na zona da «Reforma Agrária»

(continuação da pág. 1)
sificou-as como «uma forma de actuação política».

José Manuel Casqueiro em declarações a um vespertino respondeu em termos violentos a mais um comunicado do P. S. em que ele era citado.

No documento os socialistas consideravam no seu último ponto, «da maior gravidade que o deputado «Casqueiro» tenha anunciado na A. R. que «personalidades altamente colocadas do P. S. estariam em causa numa investigação em curso na Polícia Judiciária».

No entanto o deputado e secretário geral da C. A. P. disse que: o comunicado do P. S. revela o desnorteamento e o pavor que já reina nas hostes socialistas que, «semeiam ventos e recolhem tempestades».

(continuação da pág. 1)
Cabrita traçou a biografia do Poeta, aproveitando para apresentar as intenções do que vai ainda fazer como complemento das comemorações.

Entretanto foram lidos alguns poemas pela D. Maria Lúcia, tomando a palavra o Dr. Joaquim de Magalhães que, com a característica da sua palavra e pela forma como expõe, prendeu a assistência presenteando-a com poemas mais vincados do Poeta.

Com mais vibração e entusiasmo encerrou a sessão D. Maria Lúcia, lendo mais alguns poemas.

Nosso Comentário:
Aplaudimos iniciativas destas sempre patrocinadas pelas Autarquias como forma de descentralização Cultural. Isto poderá servir como exemplo.

Aplaudimos a execução de uma coleção de 4 postais com a mesma fotografia do Poeta e poemas diferentes e,

Lamentamos a pouca representação Farense a este acto.

Finalizamos homenageando o Poeta com um dos poemas, dos tais:

«Olha a gente p'ra si: Desce ao fundo do peito, Vai connosco também a mesma escuridão: Parece-nos, à vista o coração estreito, E o infinito está dentro do coração...»

Do livro «Descendo» (1901).
Faro, 22-3-1980.

C. SIMÕES

ALUGA-SE

Apartamento com três assoalhadas e garagem, situado na Rua Frei Joaquim de Loulé.

Informa na Rua dos Combatentes, n.º 24-1.º — Campina — LOULÉ.

(2-2)

VENDE-SE

Casa no Alto da Corredora, n.º 9

Nesta redacção se informa

(2-2)

LUÍS PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia,
N.º 31 — Teléf. 62406
LOULÉ



APARTAMENTOS

E TERRENOS

ALUGAM-SE E VENDEM-SE APARTAMENTOS

E TERRENOS PARA CONSTRUÇÃO E AGRICULTURA.

TRATAR COM CONCEIÇÃO FARAJOTA, RUA D.

AFONSO III - R/C, Fte. — QUARTEIRA, OU PELO TE.

LEFONE 65852 (das 20-22 h.).

(12-9)

O drama da Olivicultura em Portugal

(Continuação)

Chamemos por isso a atenção da Estação de Olivicultura de Elvas e dos organismos do Ministério da Agricultura e Pescas para o problema da facilitação da recolha da azeitona dos 50 milhões de oliveiras que a Estimativa de 1954, acima referida, dizia que existiam em todo o País.

Supomos que a mecanização da colheita da azeitona contribuirá para a diminuição do custo de produção do azeite, tanto mais que se sabe que os braços mais válidos da Agricultura portuguesa trabalham no estrangeiro.

Sucede, porém, que o Instituto do Azeite e Produtos Oleaginosos ofereceu-nos uma cópia de uma publicação do Conselho Oleícola Internacional, de Junho do corrente ano, sobre a colheita da azeitona, bastante desenvolvido, no qual são analisados em profundidade os custos daquela colheita, comparando, em diferentes países, o custo da apanha mecânica com a apanha manual.

Em Itália, a colhedora SR12, idêntica à que existe em Elvas, foi utilizada numa exploração de 5 000 oliveiras com a densidade de 10x10 metros. As árvores possuíam um só tronco com vários ramos dispostos em forma de cone, portanto adaptáveis à colheita mecânica.

A máquina fez duas passagens, com a queda de 90% da azeitona, colhendo 15 árvores por hora.

Numa parte do olival as árvores produziram 25 kg cada, e noutra, 15 kg o custo da apanha mecânica foi de 2\$74/kg e de 7\$32 na apanha manual.

Na parte do olival em que as oliveiras produziram 15 kg/árvore, o custo foi de 4\$74/kg de azeitona, na colheita mecânica e 8\$54/kg na apanha manual.

Nestas condições, o benefício obtido numa só campanha foi de 79%, no 1.º caso, e de 39%, no 2.º caso (árvores com 15 kg de azeitona).

Concluindo, a economia realizada permitiu amortizar rapidamente o investimento feito com a campanha da máquina colhedora italiana.

Outros cálculos foram apresentados no que respeita à colhedora constituída por um vibrador de troncos, de cesto elevado, mas que apenas deve ser aplicado em árvores de grande porte e de frutificação abundante.

Em França, os custos da colheita de um quilograma de azeitona, em Outubro de 1977 variou entre 4\$90 e 13\$80, consoante o tipo de máquina empregado.

Em Espanha também o problema da mão-de-obra sofre da sua carestia nos campos, dado o êxodo rural acentuado neste país.

Os estudos econometrícios de 1977 não discutiram o emprego das hormonas vegetais que facilitam o amadurecimento e a queda simultânea de grande quantidade de azeitona, mas concluíram que a sua utilização não é rendível a partir do momento em que o vibrador dos troncos passa a fazer cair, sem tratamento prévio, 80 a 90% da

azeitona.

Em 1974 a colheita de 1 kg de azeitona ainda custava em Espanha, entre 2,2 pesetas, na colheita manual e entre 1,7 e 1,3 pesetas para a colheita mecânica com, respectivamente, 90 e 100% de eficácia.

Um quadro do custo da colheita da azeitona em Espanha, em 1977, por meio de vibrador e operações conexas, detalhada nas diferentes fases da operação, e variando com a produção das oliveiras desde 10 kg por árvore até 60 kg, fazia variar desde 3,64 pesetas (2\$75) até 1,60 pesetas (1\$21).

Em Portugal (e não mencionando os custos da apanha na Tunísia e na Argélia, que também foram estudados), diremos que os pesquisados do Instituto Nacional de Investigação Agrária realizaram, em 1979, um estudo conciso que compreendeu às seguintes fases:

1 — Apanha das azeitonas caídas no chão (manual).
2 — Vibração das árvores e deslocação manual dos panais.
3 — Colocação das azeitonas em sacos e transporte.

4 — Colheita complementar, manual.

5 — Limpesa mecânica das azeitonas, operação esta feita por uma máquina portuguesa que permite limpar 3950 kg por hora.

Os encargos fixos por árvore são calculados tendo em conta a amortização e o juro do capital empatado com a compra do vibrador, o n.º de anos de utilização do material, o n.º de horas de trabalho manual, o custo de mão-de-obra em equipas de 9 homens, o custo do aluguer do tractor e o tempo de trabalho.

Segundo os ensaios efectuados no Centro de Investigação e Divulgação Agrária de Elvas, os custos de colheita foram os seguintes:

Variiedades, eficácia de vibração em %, custo por kg em escudos e por árvore em kg., respectivamente:

Galego	46	3\$57	58
Galego	53	3\$22	53
Galego	58	3\$48	27
Galego	65	2\$83	37
Galego	71	3\$00	22
Carrasquinho	66	5\$45	8,5
Carrasquinho	94	3\$22	11
Carrasquinho	96	2\$14	16
Bhunqu. verde	63	3\$92	18

Deve notar-se a diminuição do custo monetário quando aumenta a eficácia da vibração e a produção por árvore.

Este mesmo cuidado de rentabilidade impõe-se ao debruçarmo-nos sobre a apanha e mecanicamente da azeitona, a qual, quando feita com panos manobrados mensalmente absorve 33% do tempo de trabalho e limita o rendimento do vibrador. Segundo os pesquisadores da Estação, representa uma diminuição de quase 50% do custo que se pretende esperar da mecanização desta operação.

No que diz respeito aos produtos hormonais que facilitam a queda da azeitona, os pesquisadores notavam igualmente que o seu emprego conduz a uma diminuição do custo da colheita por quilo de, apenas, \$50, o que não compensa o preço do produto empregado.

FALECIMENTO

Vítima de atropelamento, faleceu há dias em Almancil, a sr.ª D. Emilia do Carmo Norte, natural e residente naquela povoação. A saudosa extinta, que contava 76 anos, era viúva e mãe dos srs. Manuel Guerreiro Valério, residente nos Estados Unidos da América, Major Custódio Guerreiro Norte, residente em Lisboa, e do nosso prezado amigo e assinante Dr. Cristó-

vão Guerreiro Norte, advogado e Deputado à Assembleia da República e da sr.ª Dr.ª Libânia Maria Norte Valério, advogada, residente em Lisboa.

O funeral, que constituiu uma autêntica manifestação de pesar, contou com largas centenas de pessoas vindas de todo o Algarve.

A família enlutada apresentamos sentidas condolências.

A VOZ DE LOULÉ

O drama da Olivicultura em Portugal

As experiências prosseguem para estudar o seu rendimento das árvores de elevada produção.

Em conclusão:

A comparação dos resultados das colheitas da azeitona em vários países demonstram o interesse de adaptar os métodos mecânicos da colheita na maior parte das actuações.

A economia chega a ultrapassar os 50% do custo da colheita manual.

Todavia, esta economia resulta de numerosos factores, tais como o tipo de plantação, a característica do porte da árvore e o nível do preço da mão-de-obra que pode influir na eficácia técnica das soluções pretendidas ou, até, contribuir para que não sejam rendíveis.

Assim, em certos países como a Tunísia e Sardenha, o rendimento da mecanização é quasi nulo. Em Portugal, a eficácia técnica real é fraca — e daí aconselharem-se os produtos químicos para facilitar a queda.

(continua na pág. 6)

II Jornadas Cooperativas das Caixas de Crédito Agrícola Mútuo do Algarve

A União das Caixas de Crédito Agrícola Mútuo do Algarve S. C. R. S. I. vão levar a cabo no próximo dia 12 de Abril, no Ginásio do Liceu Nacional, em Portimão, as II Jornadas Cooperativas das Caixas de Crédito Mútuo do Algarve.

No sábado, pelas 9 horas haverá a recepção aos participantes com apresentação de cumprimentos pelo presidente da direcção da cooperativa de crédito de Portimão, dando-se início aos trabalhos pelas 10 horas.

Na primeira sessão, sob o te-

A Voz de Loulé, n.º 773, 10-4-80

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ

Secção Auxiliar
Ex. Sumária 45/79

ANÚNCIO

(2.ª publicação)

FAZ-SE saber que por este Tribunal Judicial de Loulé, correm editos de 20 dias, contados da segunda e última publicação do presente anúncio, CITANDO os CREDORES DESCONHECIDOS do executado Francisco Júlio Neves Oliveira, comerciante, residente na Rua 5 de Outubro, em Loulé, para no prazo de 10 dias, posterior ao dos editos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução sumária movida por Sincal — Sociedade Industrial e Comercial de Abrunheira, com sede em Abrunheira — Síntria.

Loulé, 4 de Fevereiro de 1980.

O Juiz de Direito,
a) Mário Meira Torres Veiga

O Escrivão de Direito,
a) Américo Guerreiro Correia

Intercâmbio turístico Portugal - Itália

Não apenas pelas afinidades latinas que são base da origem de ambos os povos, como ainda por muitos outros factores a que sempre temos estado ligados, italianos e portugueses sempre se entenderam bem e se visitaram mutuamente.

E até particularmente notória é a simpatia que os portugueses sentem pela Itália, podendo-se até dizer, sem receio de exagerar muito, que a Itália é um dos países que a generalidade dos portugueses mais gostaria de conhecer.

Aliás isso é facilmente comprehensível, pois a monumentalidade histórica da Itália tem algo de fascinante não apenas para os admiradores da arte, mas também para quem gosta de apreciar o trabalho do homem e a beleza da paisagem italiana.

Pátria de grandes pintores, escultores, músicos, sábios e de outros valores que são honra e glória da Humanidade, a Itália sempre tem sido um país voltado para o turismo, pois a sua história está ligada à história universal.

Daí uma das razões porque tantos milhões de turistas pro-

curam a Itália para as suas férias e também um dos motivos porque os serviços oficiais do turismo italiano desenvolvem notória actividade para canalizar mais e mais turistas para o seu país.

Podemos afirmar isto porque há dias estivemos presentes numa conferência de imprensa promovida pelos Serviços de Turismo italiano em Portugal e verificámos o interesse ai manifestado para que seja ainda mais incrementado o intercâmbio turístico Portugal-Itália.

A referida reunião teve lugar no Hotel Sol e Mar em Albufeira e serviu também para mostrar a todos os presentes a beleza da paisagem italiana e a riqueza impar dos seus monumentos que são fruto de grandes férias que transmitiram na tela e na pedra uma capacidade criadora oficialmente equiparada.

Através do filme que foi projectado e dos livros que foram gentilmente oferecidos, podemos admirar a grandeza dumna nação que, ao longo dos séculos, tem sabido impor-se à consideração do mundo, pela obra de homens que foram seus filhos e grandes entre os maiores.

Pelo que disse o representante da Alitalia, ficámos também sabendo que vão aumentar o número de voos daquela companhia como da TAP, o que mais uma vez confirma o crescente interesse dos italianos por conhecere o nosso País.

Após a conferência de imprensa, foi oferecido um jantar a todos os convidados, os quais trocaram entre si laços de amizade e as suas impressões acerca do turismo como força impulsora dum maior compreensão e solidariedade entre todos os povos amantes da Paz, porque só em Paz se pode fomentar o turismo.

JOMELUZ

acompanha
o progresso

Após importantes obras de remodelação, reabriram há dias as suas portas na Rua Dr. Justino Gumano, 13, em Faro, os Estabelecimentos Jomeluz.

Este facto serviu de pretexto para que nas suas dependências se reunissem algumas dezenas de convidados, os quais puderam apreciar novos módulos de iluminação Philips e, portanto, importantes inovações na técnica da luz.

Como agente oficial daquela importantíssima organização mundial, a Jomeluz está agora em condições de fornecer o mercado local de material eléctrico destinado a todos os fins.

Participaram neste convívio presidentes e vereadores de várias Câmaras do Algarve, engenheiros da especialidade e representantes dos órgãos da comunicação social e todos foram amavelmente recebidos pelos gerentes da firma, srs. Joaquim Manuel Calisto Neto, Dr. Seabra de Magalhães e Fernando Alves.

O electrotécnico sr. Machado, responsável do sector na empresa, prestou inteligentes e valiosas informações.

No final, num hotel da cidade, os convidados foram observados com um beberete.

VENDEM-SE

Apartamentos de 3 assosilhadas em FARO ou trocam-se pelos de praias.

Trata: Manuel Bota Filipe Viegas — Vale d'Éguas — ALMANCIL — Telef. 94115.

O General Galvão de Melo sitiado na Marinha Grande

Os pregoeiros das «ampolas liberdades» foram há dias arregimentados para boicotarem uma sessão de esclarecimento realizada na Marinha Grande e promovida pelo Gabinete de Apoio ao General Galvão de Melo. Claro que cumpriram bem as ordens dos seus patrões moscovitas e por isso assobiaram e insultaram um Homem que aceita ser candidato à Presidência da República porque quer contrariar os designios da URSS e não aceita que Portugal se transforme em mais uma das muitas colónias que a Rússia já tem espalhadas pelo mundo.

Pois apesar da gritaria dos comunistas, a voz de Galvão de Melo foi predominante porque... tinha um microfone e a respetiva aparelhagem sonora. Frustrados os seus intentos de silenciar a voz da verdade, através da infernal vozearia, os arruaceiros optaram por cortar a energia eléctrica para calar uma voz que lhes é incómoda.

A Voz de Loulé, n.º 773, 10-4-80

...E não contentes ainda com o «lindo» trabalho que fizeram, decidiram sequestrar o general Galvão de Melo e a sua comitiva no Cinema da Marinha Grande durante mais de 4 horas.

Com esta sua atitude, mais uma vez se prova que os homens ao serviço do PC são exactamente como eram os homens

da PIDE: fazem tudo para silenciar as vozes que não representam as cassetes dos patrões que lhes pagam.

São assim os pregoeiros das «ampolas liberdades», que agem afinal como autênticas marionetas sem se aperceberem da triste figura que fazem como agentes autênticos de alta traição à Pátria de que são filhos.

O ÚLTIMO ARTIGO DO MARCHAL GOMES DA COSTA

Foi em Outubro de 1929 que o grande militar, e só neste campo o considero, escreveu o artigo que vai ler-se e que tem, sempre, infelizmente, valor opotuno.

Foi inserto no jornal «A Voz dos Combatentes», número 101, editado em Coimbra a 11 de Novembro de 1930, sob a direcção do capitão e distinto jornalista que em vida deu por nome António José de Campos Rego.

UM ARTIGO INÉDITO DO GLORIOSO MARECHAL GOMES DA COSTA

«Desde a guerra que vimos no hábito de solenizar o aniversá-

rio do Armistício, hábito que nos vem, por imitação, das nações que com a guerra ganham.

Porque nós, verdade, verdade, nada ganhamos. E assim, quando entrámos na guerra, foi, diziam, para salvar as colónias... ora o curioso é que, justamente quando a guerra rebentou, estavam a Inglaterra e a Alemanha a entender-se sobre a partilha das nossas colónias, como toda a gente sabe.

Enquanto a guerra durou não tornou a falar-se no assunto; terminada, porém, a guerra, recomeçaram os zuns-zuns de combinações no mesmo sentido, e, de facto, surgiu um facto mais grave que é a tremenda ideia que os jornais ingleses chegaram a publicar: — a entrega do policiamento da península ibérica à Espanha.

Como, pois, festejaremos a data do Armistício, se voltámos a uma situação de política internacional talvez pior do que antes da guerra?...

Tudo isto, pois, nos faz repugnar qualquer comemoração festiva do Armistício. E por isso, ainda, preferimos lembrar, relembrar sempre, as memoráveis palavras de Taine:

«Neste mundo, é o fraco a presa do forte; sempre que um povo adquire uma forma de organização superior, são os seus vizinhos obrigados a imitá-lo; quem se esquece de fabricar canhões e navios, será amanhã um protegido que se poupa; no dia seguinte, num degrau que se calca, e por fim, um despojo que se engole».

Esta é pois a perspectiva que para nós, Portugueses, apresenta o Armistício, e para a qual arrastam os sorrisos, contumelias e disfarçadas submissões; quando após ele, deveríamos ter aproveitado as grandes lições da guerra, tratando de nos preparar e fortalecer para as futuras contingências. E é disso que se

Que veio Cunhal fazer ao Alentejo?

Alvaro Cunhal, de surpresa (como convém), esteve no Alentejo no último fim-de-semana. E chamavam «Esteves» ao Salazar... Os extremos tocam-se — os ditadores serão sempre ditadores, mesmo que de sinais contrários. Esteve em Arraiolos. Esteve em Campo Maior. Esteve no seu feudo, no seu reino, como quis. E trouxe a chuva, bátegas de água a interromper um Inverno-Primavera. Já não é preciso procissão, já não é preciso rezar à santinha.

Veio dar ordens, veio dar instruções, ao povo obediente e cumpridor, ao povo seguidor, ao povo-minoria que não tem mais remédio senão segui-lo.

E falou. Falou com energia. Falou um rei, um senhor, um dono, com a maior desfaçatez, a maior hipocrisia, o maior cinismo que se possa imaginar. Falou em «reposição da legalidade democrática». Mas que legalidade, meu Deus? As do período gonçalvista de 1975, o assalto incontrolado? «Impede-se a colheita dos frutos pendentes» — Em 75? «Quando recorrem aos tribunais» e «Todas as decisões do Governo são juridicamente inexistentes» — e as de 75? «Os trabalhadores têm pleno direito a retomar as terras que lhes foram ilegitimamente arrancadas». Como? A força? E as de 75? E, em autêntica rebelião, contra o Governo legal e legítimo, contra o Presidente da República que o empossou, contra a Assembleia da República eleita e soberana — exclama alto e bom som: «— a ofensiva reaccionária será contida e derrotada, os trabalhadores recuperarão as terras de que foram esbulhados. A luta continua. A Reforma Agrária vencerá!». COMO? O que se seguirá neste pobre e eternizado círculo alentejano.

(in «A Voz do Alentejo»)

PEDRO DE FREITAS

ROLETA RUSSA

Sem autoridade na Rússia não é coisa muito agradável. Desde 1917, excluindo-se Beria, as seguintes personalidades foram executadas como espíões ou traidores:

Nove dos 11 ministros de Estado que estavam em exercício em 1936.

Cinco dos sete presidentes do último Comité Executivo Central.

Quarenta e três dos 53 secretários da Organização Central do Partido Comunista.

Quinze dos 27 proeminentes comunistas que redigiram a constituição de 1936.

Setenta dos 80 membros do Conselho de Guerra Soviético.

Três de cada 5 marechais do Exército Soviético.

Todos os membros do primeiro Politburo pós-revolucionário de Lenine, o seu pequeno gabinete de 1917 — com exceção de Staline.

(in «Seleções do Readers Digest»)

Lâmpadas e toda a aparelhagem de iluminação Philips

Estabelecimentos

joneluz

COMÉRCIO DE ARTIGOS ELÉCTRICOS, LDA.

Rua Dr. Justino Cúmano, 13
Teléfone 24432 - 24021 - 26018
8000 FARO

AGÊNCIA
VICTOR

FUNERAIS

E TRASLADACOES

Serviço Internacional

Telefones 62404-63282

LOULÉ — ALGARVE

Visite as
NOVAS INSTALAÇÕES

A Quarteira

Abre horizontes à implantação do «Lions International» no Algarve

Apesar de se tratar de uma organização internacional que conta com mais de um milhão de homens de quase 150 nações e áreas geográficas, o «Lions International» ainda não tinha qualquer representação no Algarve. Não tinham, é, portanto, um tempo passado. Hoje, já tem, graças à boa vontade de algumas pessoas que vivem apaixonadamente os problemas do «Lions International» e desejam alargar cada vez mais a sua benéfica acção. E dizemos benéfica acção porque na verdade os objectivos desta organização são essencialmente:

«CRIAR e fomentar um espírito de compreensão entre os povos da Terra.

PROMOVER os princípios de bom governo e boa cidadania.

INTERESSAR-SE, activamente, pelo bem estar cívico, cultural, social e moral da comunidade.

UNIR os clubes com laços de amizade, bom companheirismo e compreensão recíproca.

PROMOVER um fórum para a livre discussão dos assuntos de interesse público, exceptuando-se os assuntos de ordem política e religiosa, os quais não devem ser discutidos pelos sócios do clube.

ESTIMULAR os homens de mentalidade de serviço a servir suas comunidades sem recompensa financeira pessoal, e estimular a eficiência e promover elevado padrão de ética no comércio, indústria, profissões, serviços públicos e empreendimentos privados.

Este ideal define, de uma forma específica, as vantagens de cada vez mais se fomentar um movimento de solidariedade e boa amizade entre os homens, de forma a que cada um se sinte mais feliz e realizado por poder contribuir para a felicidade do seu semelhante. E isto porque os homens que se ligam ao «Lions International» ficam com a obrigação moral de se preocuparem com a sua comunidade e interessarem-se pelo bem estar dos seus habitantes, pelo seu progresso e pela melhoria das suas condições de saúde.

Não é, portanto, de estranhar que se tivesse gerado um certo movimento de simpatia pelo «Lions International» logo que foram feitas as primeiras sondagens para se criar o primeiro Clube no Algarve.

Circunstâncias várias favoreceram Quarteira, pois afi se estabeleceram os primeiros contactos. A eles se seguiram várias reuniões até que, finalmente, no dia 22 de Março, foi oficialmente criado o «Lions Clube de Quarteira», em cerimónia que teve lugar no Hotel Alfa Mar e se realizou de harmonia com os preceitos de há muito estabelecidos e internacionalmente aceites por todos os Lions.

Estiveram presentes os srs. tenente-coronel Rui Taveira, presidente do Lions Clube de Lisboa Mater, Jorge Moreira Raposo, Vice-Governador, membros da Direcção do novo Clube, sócios fundadores e representantes dos órgãos da Comunicação Social.

A presença das senhoras impôs ao acto uma nota de rara distinção.

Após a oração e a abertura da sessão pelo presidente do Lions Clube de Lisboa Mater, seguiu-se o cumprimento das normas regulamentares, nomeadamente, a leitura do Código da Ética Lomística, e dos objectivos do Lomismo, a tomada de compromisso, e a posse da Direcção do novo Clube.

Falam depois o presidente do Lions Clube de Quarteira, sr. Renato José dos Santos e Sousa, o presidente do Lions Clube de Lisboa, o Vice-Governador, o Jornalista Neto Gomes e Ivan Thomas MacMillan, padrinho do novo Clube.

A direcção do novo Clube é formada pelos srs. Renato José

dos Santos e Sousa (presidente), Carlos Jorge Marques Henrique (secretário), José Gomes Romeira Morgado (tesoureiro), José Eduardo Gonçalves Pereira (director crítico), Raul Proença (director social) e Ivan Thomas MacMillan (de animação).

É curioso salientar que o Lions International é considerada a maior organização mundial de serviços e conta com 33 000 clubes filiados e cerca de 1 300 000 sócios. A sua actividade estende-se ao auxílio a deficientes auditivos e visuais, havendo cerca de 50 mil cegos em todo o Mundo que recuperaram a vista beneficiando daquele auxílio.

O Lionismo em Portugal é uma realidade, pois conta com 46 clubes espalhados por todo o País, existindo 1 200 Lions e 300 jovens nos 15 clubes Leons. E foi graças ao dinamismo e espírito de solidariedade que é

apanhado destes homens que foi possível conseguir, no curto espaço de 15 dias, os 3 600 contos com que o Lions Clube contribuirá para ajudar as vítimas do sismo dos Açores.

Estimulados pelo êxito da criação do Clube de Quarteira, já está projectada a constituição de um novo Clube em Albufeira, admitindo-se que tenha a sua sede no solar de S. João, próximo da Praia da Oura.

Felicitamos os dirigentes do Lions International pela rapidez com que conseguiram criar o Clube de Quarteira e desejamos que os seus dirigentes e «companheiros» consigam desenvolver profícua actividade no sentido de fomentar um sadio espírito de compreensão entre os homens, promovendo os princípios de boa cidadania e interessando-se activamente pelo bem estar cívico, cultural, social e moral da comunidade.

**CENTRO DE ESTUDOS DE NUTRIÇÃO
Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge**

Inquérito Alimentar Nacional

Vai realizar-se, finalmente, e pela primeira vez no nosso País, ainda em 1980, um inquérito sobre a forma como a população se está a alimentar, desde as aldeias às cidades. Será efectuado em dois períodos diferentes do ano: o primeiro, a partir de 15 de Abril, e o segundo, depois do dia 13 de Outubro próximo.

O inquérito, cujo estudo e orientação são da iniciativa do Centro de Estudos de Nutrição (CEN) do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge começará pela colheita de dados referentes ao consumo real de alimentos pelas pessoas. Esta colheita é efectuada com a colaboração de técnicos da Direcção-Geral de Extensão Rural e pelas Direcções Regionais de Agricultura do Ministério da Agricultura e Pescas. A avaliação do estado de saúde da população nas suas relações com a alimentação será realizada pelos Centros de Saúde, com a colaboração dos Laboratórios Distritais de Saúde, da Direcção-Geral de Saúde. O plano do inquérito tem a aprovação do Instituto Nacional de Estatística, o que lhe confere ainda maior importância técnica e científica.

Abrange os 18 distritos do Continente e, em cada um será realizado na respectiva cidade capital e em várias freguesias de alguns concelhos. A escolha dos concelhos e das freguesias ou povoações obedece a regras utilizadas em todo o mundo para este fim, o mesmo sucedendo para a escolha das famílias, tanto na cidade capital do distrito (população urbana), como nos concelhos (população rural).

No total, o número de famílias que vão ser solicitadas a

Os cigarros constituem um perigo para a saúde dos adolescentes?

Sem dúvida que existem provas suficientes dos efeitos prejudiciais do tabaco para que se deva desencorajar o fumador, mesmo quando é jovem e saudável. Obviamente, quanto mais cedo se comece a fumar maior é o risco para a saúde nos anos seguintes. Pode mesmo diminuir por isso a duração da sua vida. Fumar é um hábito difícil de quebrar. Os adolescentes que nunca tenham adquirido o vício ficam libertos do problema de como parar de fumar.

tomar parte no inquérito é de cerca de 1 665, nas capitais de distrito, e 4 335, nas freguesias dos concelhos, o que dá um número total de pessoas, da ordem das 18 000.

Os dados que se procuram obter têm em vista:

a) conhecer a maneira como o Povo Português se está a alimentar nas diferentes regiões do Continente, tanto nos meios urbanos como rurais, que alimentos são consumidos e em que quantidade, e verificar se a nossa alimentação está próxima ou afastada da alimentação racional estudada para os vários grupos etários (pessoas agrupadas por idades e sexos);

b) saber quais são os hábitos alimentares predominantes da população e se os mesmos são correctos ou errados, principalmente nas crianças, grávidas, trabalhadores e idosos;

c) saber se as pessoas inquiridas apresentam doenças ou estados anormais resultantes de alimentação mal ajustada às suas necessidades, mesmo sem disso terem conhecimento, ou se estão em risco de vir a sofrer, dentro de algum tempo, de doenças ligadas a essa alimentação errada.

O inquérito será realizado por inquiridores devidamente credenciados. Para o estudo do consumo de alimentos, os inquiridores procurarão junto da família (responsável, «dona de casa») colher uma série de dados sobre o que cada indivíduo do agregado familiar come num dia corrente, e quais os alimentos mais frequentemente usados.

Outras informações, constantes das folhas do inquérito, serão também solicitadas, com vista a determinar se cada membro da família, a esta no conjunto, se alimentam certa ou erradamente. Dentre elas, destacam-se os tipos de culinária utilizados e condições do ambiente que vão influenciar, no fundo, o estado de saúde de cada um.

As pessoas que tomarem parte no inquérito será feito um exame médico completo, bem como uma série de análises (algumas raramente feitas em Portugal) para determinar se a alimentação que as pessoas estão a fazer pode provocar doenças de que não se apercebem, em curto prazo de tempo ou, mesmo, só alguns anos mais tarde.

Quando o exame clínico ou análises revelarem situações anormais, os inquiridores serão avisados para entrarem em contacto com os serviços de saúde da sua área, a fim de serem assistidos medicamente para resolução dos seus casos.

O inquérito alimentar, os exa-

A AGÊNCIA DE LOULÉ DO B.N.U. foi inaugurada há 25 anos

A inauguração da Agência de Loulé do Banco Nacional Ultramarino foi acontecimento local há 25 anos! O prestígio, a solidade e a antiguidade foram desde logo fortes motivos de confiança até mesmo para aqueles camponeses que desde sempre se tinham habituado a guardar as suas economias «debaixo do colchão».

O Banco do Algarve e a Caixa Geral de Crédito eram as 2 únicas instituições bancárias em Loulé e operavam com impecável honestidade e a eficiência que caracterizava os seus gestores, mas parecia vantajoso um certo critério de concorrência porque em Loulé havia homens capazes de fomentar novas actividades criadoras de riqueza desde que se lhes proporcionassem maiores facilidades de crédito.

E o Banco Nacional Ultramarino veio preencher essa lacuna

e os administradores tiveram também o bom senso de escolher para seu primeiro gerente um louletano que conhecia Loulé de ponta a ponta e disfrutava de gerais simpatias em todo o concelho.

Essa a principal razão porque a Agência de Loulé do B. N. U. evoluiu rapidamente, registando um extraordinário movimento que depressa ultrapassou as mais optimistas previsões.

Em 14 de Março de 1955 eram apenas 6 os empregados. Hoje são 25 os que trabalham em perfeita harmonia, são espírito de equipa, reconhecida competência e operacionalidade numa agência que, em dia de festa, conseguiu reunir todos os seus colaboradores e respectivos cônjuges, em saudável confraternização para assinalar as Bodas de Prata da instituição que servem com dedicação.

Os 25 anos da Agência de Loulé do B. N. U. foram, pois, festejados com um alegre jantar que se realizou no passado dia 14 de Março, no restaurante «Duas Sentinelas» e serviu de pretexto para um agradável convívio entre os actuais funcionários e os gerentes que passaram por Loulé nos últimos anos.

Para se associarem à efeméride deslocaram-se especialmente de Lisboa o principal Gestor do B. N. U. sr. José Vitorino, o Subdirector sr. Augusto Leote Inácio, o sr. Dr. Carlos Bagão e ainda o Director sr. João Ramos.

A iniciativa da criação em Loulé duma Agência do B. N. U. partiu do então Governador Francisco José Vieira Machado, que entusiasmou o nosso conterrâneo Raúl Rafael Pinto a abandonar as suas funções de Chefe da Secretaria da Câmara de Loulé para dinamizar a acção daquela instituição de crédito no nosso concelho. Provou-se depois que a escolha foi acertada porque foi notável o trabalho desenvolvido não só em benefício do banco como também de toda a economia da região, que assim passou a contar com o forte apoio de uma poderosa organização de crédito, o que contribuiu para o incremento de actividades antigas e a criação de outras que foram surgindo.

Além do sr. Raúl Pinto, que foi o primeiro gerente, também esteve presente o antigo gerente sr. Jesus Malo Rocha. Nenhum dos antigos primeiros funcionários já trabalha em Loulé, mas os novos souberam recordar os nomes daqueles que foram ali seus colegas de trabalho e também por isso esta festa de confraternização teve um cunho muito simpático de confraternização e até proporcionou que fossem tratados problemas relacionados com a actividade bancária e com os interesses da instituição que servem.

Faleceu o Dr. José Jerónimo Guerreiro

Vítima de um acidente vascular cerebral, que o reteve 5 dias na cama, faleceu no Hospital de Loulé, no passado dia 27 de Março, o nosso compatriota, prezado amigo e dedicado assinante sr. Dr. José Jerónimo Guerreiro, natural de S. Bárbara de Nexe e que há muitos anos fixara residência em Loulé.

Licenciado em Filologia Germânica, pela Universidade de Lisboa, abraçou a carreira docente, tendo leccionado em Olhão e Faro e, ultimamente, era professor na Escola Secundária de Loulé.

O saudoso extinto, pessoa muito conhecida e estimada em Loulé pela sua natural bondade,

de deixou viúva a nossa conterrânea sr. D. Maria Cândida Gonçalves Oliveira Guerreiro e era pai do nosso estimado amigo sr. Dr. José Manuel Oliveira Jerónimo Guerreiro, médico em Torres Novas e cunhado do nosso velho amigo e assinante dedicado sr. José Gonçalves de Sousa Oliveira, tesoureiro do Centro n.º 9 da Rodoviária Nacional, em Faro, casado com a sr. D. Maria Celina do Carmo Barão Sousa Oliveira e também da sr. D. Maria Eleonora Gonçalves Oliveira, enfermeira na Casa da Primeira Infância em Loulé.

A família enlutada endereçamos a expressão do nosso sentido pesar.